



CERRADO



Goiânia, QUINTA-FEIRA, 31 de dezembro de 2015

www.wildermorais.com.br

facebook.com/wildermorais

instagram.com/wildermorais

twitter.com/wildermorais

FELIZ 2016

RECEITA DE ANO NOVO

Carlos Drummond de Andrade

Para você ganhar belíssimo Ano Novo
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
para você ganhar um ano
não apenas pintado de novo, remendado às carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
novo
até no coração das coisas menos percebidas
(a começar pelo seu interior)
novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,
mas com ele se come, se passeia,
se ama, se compreende, se trabalha,
você não precisa beber champanha ou qualquer outra birita,
não precisa expedir nem receber mensagens
(planta recebe mensagens?
passa telegramas?)

Não precisa
fazer lista de boas intenções
para arquivá-las na gaveta.
Não precisa chorar arrependido
pelas besteiras consumadas
nem parvamente acreditar
que por decreto de esperança
a partir de janeiro as coisas mudem
e seja tudo clareza, recompensa,
justiça entre os homens e as nações,
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,
direitos respeitados, começando
pelo direito alagusto de viver.

Para ganhar um Ano Novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre.



Revista Bula.com

A ÚLTIMA ENTREVISTA DE
GUIMARÃES ROSA

POR CARLOS WILLIAN LEITE

Uma preciosidade histórica da língua portuguesa: a entrevista realizada pelo escritor e jornalista português Arnaldo Saraiva, em 24 de novembro de 1966. Guimarães Rosa morreria menos de um ano depois de tê-la concedido.

Eis o homem. O homem que em menos de 20 anos, com sua prosa, seu estilo, sua literatura — sem os favores profissionais da medicina, que pode dar saúde mas ainda não deu gênio (cf. alguns prêmios Nobel), conquistou o Brasil, Portugal, a Alemanha, a Itália, os Estados Unidos, o mundo, não?

Repara no corpo: mau grado as ligeiras ameaças de obesidade, parece atleta, cavaleiro que foi, ou de bandeirante, que da língua é. Vê como está sobriamente elegante, distinto, sorridente, calmo, aristocrata, como convém a um embaixador (ou não estivéssemos num salão do Itamarati). Mas nada da pose ou dos gestos artificiais com que outros tentam iludir a mediocridade. Quem esperou quase quarenta anos para publicar o primeiro livro, ou quem avançou sozinho pelos grandes sertões da língua, não precisa ter pressa nem pedir emprestado um corpo, uma casaca, máscaras.

Lá está o lacinho (ou gravata-borboleta, meu chapa?) simetricamente impecável, fazendo pendant com os óculos claros, tão claros que ainda esclarecem mais os olhos sempre inquiridores, atentos. E é curioso como um mineiro de Cordisburgo, a dois passos (brasileiros) da Itabira de Drummond, gosta, ao contrário deste (à primeira vista), de falar, de contar, de ser ouvido. Até nisso parece grande o seu amor à língua. Mal me sentei, já ele me começou a falar de Portugal e de escritores portugueses...

Guimarães Rosa — Estive em Portugal três vezes. Na primeira, em 1938, passei lá apenas um dia; ia a caminho da Alemanha. Na segunda, em 1941, passei lá quinze dias, em cumprimento de uma missão diplomática que me fora confiada em Hamburgo. Na terceira, em 1942, passei um mês, pois estava já de regresso ao Brasil, por causa da guerra.

Durante essas estadas, travou relações ou conhecimentos com alguns escritores?

Não. Até porque eu ainda não era "escritor" ("Sagarana", com efeito, só foi publicado em 1946) e o que me interessava mais era contar com a gente do povo, entre a quais fiz algu-

mas amizades. Gosto muito do português, sobretudo da sua integridade afetiva. O brasileiro também é gente muito boa, mas é mais superficial, é mais areia, enquanto o português é mais pedra. Eu tenho ainda uma costela portuguesa. Minha família do lado Guimarães é de Trás-os-Montes. Em Minas o que se vê mais é a casa minhota, mas na região em que eu nasci havia uma "ilha" transmontana.

Mas não chegou a conhecer Aquilino?

Conheci Aquilino (Aquilino Ribeiro), mas acidentalmente. Eu entrei numa livraria, não sei qual, do Chiado (presumo que a Bertrand) e, quando pedi alguns livros dele, o empregado perguntou-me se eu queria conhecê-lo, pois estava ali mesmo. Respondi que sim, e desse modo obtive dois ou três autógrafos de Aquilino, com quem conversei alguns instantes. Voltei a estar com ele, mais tarde, num jantar que lhe foi oferecido enquanto de sua vinda ao Brasil. Mas ele, naturalmente, não se recordava de mim (porque eu não me apresentara como escritor), e eu também não lhe falei do assunto.

Não sabe que, justamente numa crônica motivada pela sua ida ao Brasil, Aquilino colocou o seu nome, logo em 1952, ao lado dos de José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Jorge de Lima e Agripino Grieco, que, segundo ele, eram os "notáveis escritores e poetas" que estavam a "encostar a pena contra a lava" que ia no Brasil "sepultando prosódia e morfologia da língua-mater"? Eu creio mesmo que é essa uma das primeiras referências ao seu nome, em Portugal...

Não sabia dessa curiosa referência do Aquilino. Antes dessa, porém, há uma referência a mim numa publicação do Consulado do Porto, de 1947, feita por não sei quem. Sei de outra referência feita, anos depois, salvo erro, por um irmão de José Osório de Oliveira.

Voltando a Aquilino: acha que recebeu alguma influência dele? Já, pelo menos, um crítico, o mineiro Fábio Lucas, notou alguns "pontos de contato nada desprezáveis" entre a sua obra e a de Aquilino.

Eu gosto de Aquilino, sobretudo da "Aventura Maravilhosa", mas não creio que dele tenha recebido alguma influência, a não ser na medida em que sou

influenciado por tudo o que leio. A verdade é que antes de 1941 só conhecia de Aquilino um ou dois trechos, como infelizmente ainda hoje sucede em relação à quase totalidade dos escritores portugueses vivos. E, como sabe, "Sagarana", foi escrito em 1937.

Um garçom do Itamarati entra com um copo de água, e pergunta se precisa mais alguma coisa. Guimarães Rosa agradece e diz: Vá com Deus, como se fosse um beirão ou um transmontano. Mais uma razão, portanto, para eu prosseguir: Como encara ou explica o enorme prestígio de que goza nos meios intelectuais e universitários portugueses?

Em relação a mim, houve por aqui (no Brasil) muitos equívocos, que ainda hoje não desapareceram de todo e que, curiosamente, ao que parece, não houve em Portugal. Pensaram alguns que eu inventava palavras a meu bel-prazer ou que pretendia fazer simples erudição. Ora o que sucede é que eu me limitei a explorar as virtualidades da língua, tal como era falada e entendida em Minas, região que teve durante muitos anos ligação direta com Portugal, o que explica as suas tendências arcaizantes para lá do vocabulário muito concreto e reduzido. Talvez por isso que ainda hoje eu tenha verdadeira paixão pelos autores portugueses antigos. Uma das coisas que eu queria fazer era editar uma antologia de alguns deles (as antologias que existem não são feitas, como regra, segundo o gosto moderno), como Fernão Mendes Pinto, em quem ainda há tempos fui descobrir, com grande surpresa, uma palavra que uso no "Grande Sertão": amouco. E vou dizer-lhe uma coisa que nunca disse a ninguém: o que mais me influenciou, talvez, o que me deu coragem para escrever foi a "História Trágico-Marítima" (coleção de relatos e notícias de naufrágios, acontecidos aos navegadores portugueses, reunidos por Bernardo Gomes de Brito e publicados em 1735). Já vê, por aqui, que as minhas "raízes" estão em Portugal e que, ao contrário do que possa parecer, não é grande a distância "linguística" que me separa dos portugueses.

Eu penso até que na imediata e incondicional adesão portuguesa a Guimarães Rosa há muito de transferência sublimada de uma frustração linguística nossa, coletiva, que vem pelo menos desde

Eça. Mas não nos desviemos. Admira-me muito que não tenha citado nenhum livro de cavalaria, nem nenhuma novela bucólica, pois pensava que deles e delas havia diversas ressonâncias na sua obra, sobretudo no "Grande Sertão: Veredas"...

Sim, li muitos livros de cavalaria quando era menino, e, por volta dos 14 anos, entusiasmei-me com Bernardim (Bernardim Ribeiro), e depois até com Camilo. Ainda continuo a gostar de Camilo, mas quem releio permanentemente é Eça de Queiroz (quando tenho uma gripe, faz mesmo parte da convalescença ler "Os Maias"; este ano já reli quase todo "O Crime do Padre Amaro" e parte da "Ilustre Casa de Ramires"). Camilo, leio-o como quem vai visitar o avô; Eça, leio-o como quem vai visitar a amante. Quando fui a Portugal pela primeira vez, eu só queria comidas ecianas (que gostosura, aquele jantar da Quinta de Tormes). Aliás deixei-me que lhe diga que me torno muito materialista quando penso em Portugal; penso logo nos bons vinhos, nas excelentes comidas que há por lá. E talvez seja também por isso que se há um país a que eu gostaria de voltar é Portugal...

... que, naturalmente, o receberá de braços abertos, em festa. Mas permita-me ainda uma pergunta: como "enveredou" — e penso que a palavra se ajusta bem ao seu caso — pelo campo da "invenção linguística"?

Quando escrevo, não penso na literatura: penso em capturar coisas vivas. Foi a necessidade de capturar coisas vivas, junta à minha repulsa física pelo lugar-comum (e o lugar-comum nunca se confunde com a simplicidade), que me levou à outra necessidade íntima de enriquecer e embelezar a língua, tornando-a mais plástica, mais flexível, mais viva. Daí que eu não tenha nenhum processo em relação à criação linguística: eu quero aproveitar tudo o que há de bom na língua portuguesa, seja do Brasil, seja de Portugal, de Angola ou Moçambique, e até de outras línguas: pela mesma razão, recorro tanto às esferas populares como às eruditas, tanto à cidade como ao campo. Se certas palavras belíssimas como "gramado", "aloprar", pertencem à gíria brasileira, ou como "malga", "azinhaga", "azinha" só correm em Portugal — será essa razão suficiente para que eu as não empregue, no de-

vido contexto? Porque eu nunca substituo as palavras a esmo. Há muitas palavras que rejeito por inexpressivas, e isso é o que me leva a buscar ou a criar outras. E faço-o sempre com o maior respeito, e com alma. Respeito muito a língua. Escrever, para mim, é como um ato religioso. Tenho montes de cadernos com relações de palavras, de expressões. Acompanhei muitas boiadas, a cavalo, e levei sempre um caderninho e um lápis preso ao bolso da camisa, para anotar tudo o que de bom fosse ouvido — até o cantar de pássaros. Talvez o meu trabalho seja um pouco arbitrário, mas se pegar, pegou. A verdade é que a tarefa que me impus não pode ser só realizada por mim.

Guimarães Rosa vai buscar uma fotografia para me mostrar onde levava o caderninho de notas, nas boiadas: vai buscar uma pasta com a correspondência com um seu tradutor norte-americano, para me mostrar as dúvidas e dificuldades deste, e o trabalho, a seriedade e a minúcia com que as vai resolvendo uma por uma (escrevendo, ele próprio, preciosas autoanálises estilísticas ou considerações filológicas). E, entretanto, vai-me fazendo outras confissões interessantes. Por exemplo: "gosto das traduções que filtram. Da tradução italiana do Corpo de Baile gosto mais do que do original." Ou: "Estou cheio de coisas para escrever, mas o tempo é pouco, o trabalho é lento, lambido, e a saúde também não é muita." Ou: "Não faço vida literária: como regra, saio daqui e vou para casa, onde trabalho até tarde." Ou: "No próximo ano, vou publicar um livro ainda sem título, com 40 estórias" (que têm aparecido quinzenalmente, no jornal dos médicos "O Pulso", onde frequentemente aparecem também cartas ou a atacá-lo ou a defendê-lo ferozmente). Ou ainda: "eu não gosto de dar, nem dou entrevistas. Tenho sempre a sensação de que não disse o que queria dizer, ou que disse mal o que disse, ou que criei maior confusão; e não estou assim tão seguro do que procuro e do que quero. Com você abri uma exceção..."

Nota: Entrevista realizada pelo escritor e jornalista Arnaldo Saraiva, em 24 de novembro de 1966. Publicada no livro "Conversas com Escritores Brasileiros", editora ECL em parceria com o Congresso Portugal-Brasil.



Advogada defende norma para controlar operadoras

A advogada Pollyana Martins esclarece que as operadoras de telefonia celular podem ser controladas quanto ao envio de mensagens publicitárias, produtos e serviços, mas por via administrativa. Não existe ainda uma norma específica no âmbito federal.

Conforme o Procon, as companhias batem recorde de reclamações de consumidores. E um dos motivos seria o uso deste método agressivo de propaganda.

As chamadas em horários inconvenientes torram a paciência das pessoas, diz a advogada, que atua no direito do consumidor. "É absurdo e abusivo, mas inexistente lei específica", reconhece.

Segundo Hector Santana, diretor do Instituto Brasileiro de Política e Direito do Consumidor (Brasilcon), já existe um projeto de lei em tramitação no Congresso Nacional para regulamentar essa atividade econômica e reduzir as ações administrativas, que muitas vezes não levam a nada.

Ele explica que a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) é limitada na regulamentação da prestação de serviços, sendo importante a edição de leis federais abrangentes e gerais. Uma lei que veda essa prática comercial e mais específica, como é o caso da proposta do senador Wilder Moraes, poderá dificultar a ação das operadoras: "Elas utilizam métodos agressivos de divulgação de produtos contratados e sem que atentem para o princípio da razoabilidade da mensagem publicitária, via SMS ou até diretamente com ligação telefônica em horários inconvenientes".

CONSUMIDOR

Projeto do senador Wilder obriga telefonia a prestar

As campeãs das reclamações na Justiça estão cada vez mais pressionadas a prestarem serviços de qualidade. Líderes no ranking do descontentamento, elas tentaram fingir que está tudo bem. Mas é cada vez maior a pressão para que as empresas de telecomunicações se enquadrem no Brasil.

Com quase 275 milhões de celulares, o país é um dos maiores mercados para este filão. Ocorre que as reclamações são diversas. É o caso de Jackeline Gonçalves, estudante de direito, que resolveu comprar briga com as operadoras: "Estou no carro, dirigindo, e de repente aparece a minha tela ligada. É uma mensagem que chega do nada, oferecendo serviços como resumos de novelas ou horóscopo. Só R\$ 4,99 por mês! Imagine se cada empresa dessas consegue fazer com que cinco mil brasileiros teclêm ok?", questiona.

A estudante se refere ao consentimento. Nem todos sabem o que estão fazendo e clicam sem querer no ok e acabam tendo R\$ 4,99 descontados. "E se você está no carro, é claro que não deseja perder a bateria do seu celular e tecla sem querer para apagar. É um absurdo o que fazem", diz a estudante.

O pior é a demora em atender o usuário, que muitas vezes desiste da reclamação exatamente pela dificuldade em ter acesso às operadoras. Para anular um "ok" o consumidor enfrenta um martírio.

O senador goiano Wilder Moraes observou exatamente este aspecto para propor projeto de lei que enquadre as operadoras enrolonas. Diante dos transtornos frequentes enfrentados pelos usuários, ele apresentou o Projeto de Lei no Senado 129/2015, que já foi aprovado pela Comissão de

Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática.

Conforme Wilder, o projeto assegura ao usuário o direito de obter das prestadoras de telecomunicações respostas imediatas, claras e completas sobre as solicitações de manutenção e instalação de serviços.

Para ele existe muito calote no setor. E além de prejudicar a imagem das empresas, o fato gera insegurança jurídica no segmento econômico – o que é ruim para todos.

"É obrigação da empresa prestar bom serviço. Não passa de obrigação fazer isso. Ela é bem paga pelos serviços que vende e que presta", afirma o senador.

CANAL

Para ele, é necessário que exista um canal de comunicação direto com os funcionários responsáveis pelos procedimentos de instalação e de ma-

nutenção dos serviços. Dessa forma, o usuário terá direito de se informar diretamente com o técnico sobre o procedimento, sem intermediação da central de atendimento ao cliente.

"Os serviços de telecomunicações têm ganhado cada vez mais relevância na vida cotidiana das pessoas. E a ocorrência de interrupções nesses serviços vendidos pelas empresas (como é tão frequente acontecer) geram inúmeros transtornos aos usuários, que envolvem afazeres pessoais e também profissionais".

Wilder afirma que é necessário um canal de comunicação direto entre os usuários e os funcionários responsáveis pelos procedimentos de instalação. Com isso, se evitaria que as informações fossem intermediadas pelas centrais de atendimento. Logo, os usuários seriam atendidos mais depressa nos serviços que desejam.

EDUCAÇÃO

'Gestão por OS dará igualdade e oportunidade para os filhos dos pobres'

O governador Marconi Perillo destacou a internautas durante o último hangout do ano que o maior diferencial da gestão compartilhada entre Estado e Organizações Sociais (OSs) na rede pública de ensino será dar igualdade e oportunidade para os filhos das pessoas de baixo poder aquisitivo em Goiás.

"O maior diferencial será dar igualdade e oportunidade para os filhos dos pobres, para que eles tenham acesso a ensino público de qualidade e para que a qualificação resulte em acesso a boas universidades e, posteriormente, ao mercado de trabalho. A essa altura da minha vida, no quarto mandato, eu jamais proporia uma mudança que não fosse para o bem. Quero apenas implementar políticas que deem certo".

Marconi destacou que a gestão compartilhada com OS para a área da Educação foi uma de-

cisão difícil de ser tomada, mas que visa garantir maior acesso a alunos da rede pública. "Se nós não tivermos coragem de implementar mudanças qualitativas no ensino, nós vamos perpetuar as desigualdades. Essa é uma decisão difícil, mas que implica em honestidade da minha parte para fazer melhor."

De acordo com Marconi, o debate a respeito de OSs tem sido desvirtuado por adversários políticos. "Nós não podemos aceitar, em pleno século 21, um debate político-ideológico enviesado. O que a gente percebe é que de um lado há o debate radical contra, de pessoas de fora das escolas, que não querem acabar com o status quo, com corporativismo e sindicalismo. Eu respeito todas as entidades, mas o que eu quero é uma mudança de paradigma, que signifique melhorias na Educação".

Questionado sobre tecno-

logias sustentáveis para Goiás, ele destacou a criação do Inova Goiás, programa que envolve todas as áreas da administração do Estado com foco em inovação e pesquisa, o Goiás Competitivo e citou ainda o projeto de virtualização do Vapt Vupt. Disse que o governo estadual vai apoiar parcerias entre universidades e o setor produtivo, além de programas para fortalecer parques tecnológicos, de cidades criativas, aceleradoras, incubadoras, startups e arranjos produtivos locais.

"A ideia é canalizarmos R\$ 1,2 bilhão de recursos de fundos constitucionais, fundos estaduais, recursos privados, recursos que estão vinculados constitucionalmente, todos esses recursos focados em inovação tecnológica, pesquisa e sustentabilidade. Em três anos, nós queremos estar entre os cinco estados que mais avançam nessa área de inovação".



O GRANDE EVENTO DE 2015 - 5ª PARTE

Maior encontro de lideranças homenageia senador Wilder

